



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MÁRCIO LUÍS DE OLIVEIRA PEREIRA

Letramento e transversalidades no contexto da EJA

JOÃO PESSOA – PB

2014

MÁRCIO LUÍS DE OLIVEIRA PEREIRA

Letramento e transversalidades no contexto da EJA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Augusto Pereira de Sousa

JOÃO PESSOA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436l Pereira, Márcio Luís de Oliveira Letramento e temas transversais no contexto da EJA [manuscrito] : / Márcio Luís de Oliveira Pereira. - 2014. 49 p.

Digitado. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014. "Orientação: Prof. Dr. Antonio Augusto Pereira de Souza, Departamento de Educação".

Letramento. 2. Escrita. 3. EJA I. Título.

21. ed. CDD 372.623

MÁRCIO LUÍS DE OLIVEIRA PEREIRA

Letramento e transversalidades no contexto da EJA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 14 / 06 / 14

Banca examinadora



Prof. Dr. Antonio Augusto Pereira de Sousa – DQ/CCT/UEPB

Orientador



Profª Dra. Djane de Fátima Oliveira – DQ/CCT/UEPB

Examinadora



Profª MSc. Wanda Izabel Monteiro de Lima Marsiglia - DQ/CCT/UEPB

Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu avô, SEVERINO DANTAS DE OLIVEIRA, que embora fosse analfabeto, foi uma das pessoas mais inteligentes e sábias com quem convivi e a pessoa que mais sentiu orgulho pelo fato de ter um neto professor.

DEDICO

“Quanto aos outros, os que põem em prática a minha prática, que se esforcem por recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto”
(FREIRE, 1976, p.17).

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Todo Poderoso, Jeová, que me concedeu forças para trabalhar a semana inteira e aos sábados ainda conseguir frequentar as aulas de especialização para ampliar a minha capacidade profissional, pois sei o quanto o meu trabalho é importante para transformar positivamente a vida de muitas pessoas.

LISTA DE SIGLAS

CNEA -Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

EJA -Educação de Jovens e Adultos

INAF - Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional

INEP- Instituto Nacional de Estatística e Pesquisa em Educação

MEC - Ministério de Educação e Cultura

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

UEPB – Universidade Federal Da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9 e 10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11 a 21
METODOLOGIA.....	22 e 23
RELATO DA EXPERIÊNCIA.....	24 a 29
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE	

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi apresentar uma possibilidade de abordagem metodológica que busque aprimorar a capacidade de leitura e produção de textos escritos e orais dos alunos concluintes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), para o Ensino Médio da Escola Luís Ribeiro Limeira na Cidade de Santa Rita-PB. Pois se constatou que esses educandos concluíam este curso e mesmo assim apresentavam deficiências profundas nas habilidades de ler e escrever. De fato a situação de letramento da maioria era extremamente deficiente. Isso demonstra que há falhas graves nos métodos ou abordagens usadas no processo de ensino. Pode-se afirmar que essa modalidade de ensino é a mais desafiadora de todo o sistema educacional do nosso país porque os alunos que chegam à EJA são aqueles que não se adequaram ao sistema regular de ensino por vários motivos: necessidade de trabalhar para sustentar a família, gravidez na adolescência, reprovações sucessivas que produziu uma distorção grave entre a idade e a série cursada, uso e tráfico de drogas e tantos outros problemas de ordem social. Nessas circunstâncias ficou claro que o chamado método “convencional” de ensino já havia sido ineficiente, por isso surgiu a ideia de promover uma abordagem que usasse música popular para estimular e descontrair o ambiente e fomentar o debate sobre temas do cotidiano, integrados aos estudos de conteúdos gramaticais mais usuais para a vida diária dos alunos. O trabalho se desenvolveu por meio da seguinte metodologia: avaliação inicial na qual se verificou as deficiências nas habilidades que devem ser aprimoradas, foram aplicadas sete atividades, envolvendo leitura, escrita, reescrita dos textos produzidos e expressão oral e uma avaliação final para se verificar se houve progresso do aluno após o cumprimento das tarefas. Ao fim do processo constatou-se o progresso dos alunos no tocante às habilidades de ler e escrever. Essa afirmação se comprova por meio da observação das atividades durante o processo, das avaliações finais e da aprovação de muitos alunos em vestibulares e outros processos seletivos.

PALAVRAS-CHAVE: EJA, habilidade, ler, escrever

1 INTRODUÇÃO

A educação de adultos no Brasil remonta o período colonial quando os jesuítas a partir de 1549 implementaram uma campanha de alfabetização vinculada à catequese que era o maior objetivo dos representantes da Igreja Católica nessa nova terra. Posteriormente, muitos foram os programas governamentais que surgiram com o objetivo de oferecer às pessoas que se encontravam em uma condição de analfabetismo a oportunidades de aprenderem a ler e escrever e, a partir disso, mudarem o curso de suas vidas e sua atuação na sociedade.

Alguns exemplos de programas governamentais de educação foram a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), na década de 1950 e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), na década de 1970 que tiveram iniciativas louváveis para ir além de alfabetizar, pois o que se buscava com esses movimentos era o desenvolvimento de uma consciência política e crítica mínima para essas pessoas atendidas pelos projetos. Porém, não surtiram o efeito amplo que seus idealizadores imaginaram e logo foram abandonados pelo poder público. (BRITO, 2010)

Foi apenas a partir de janeiro de 2003, que o Ministério de Educação e Cultura (MEC) anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal. Para isso, foi criada a secretaria extraordinária de erradicação do Analfabetismo, cuja meta é erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta, foi lançado o programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuiria com os órgãos públicos Estaduais e Municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvessem ações de alfabetização. Porém, mais uma vez o que se viu foi um esforço sem muito foco, pois não se estabeleceram parâmetros claros para que se desenvolvesse um projeto que pudesse proporcionar a esses alunos uma formação adequada às suas necessidades, que oferecesse o mínimo do que eles precisam para serem agentes sociais.

A EJA é uma ferramenta fundamental para a construção de uma sociedade justa e equânime porque apenas o cidadão pleno de sua interação com o mundo a sua volta é que pode exercer de fato a cidadania a que tem direito. A grande preocupação na implantação da EJA consiste em equacionar a questão de como atrair pessoas que foram

excluídas do mundo escolar de volta à sala de aula. O imprevisto e a falta de compromisso de todos (governos, gestores escolares e docentes) tem transformados a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em mais um “faz- de- conta” da educação em nosso país. Esse pensamento se comprova quando se evidencia que a ampla maioria dos formandos dessa modalidade de ensino não saíram de uma condição precária de alfabetização, pois não escrevem nem leem da forma que deveriam.

O desafio da EJA é tornar interessante, o que muitas vezes, é enfadonho no ambiente de sala de aula. Não se pode esperar que pessoas que trabalham o dia inteiro e convivem com diversos problemas sociais e familiares, simplesmente deixem toda essa “carga” do lado de fora da escola. Isso é impossível. Diante desse quadro, surgiu a ideia de trazer elementos de ludicidade e descontração para a escola. Músicas e vídeos foram as ferramentas utilizadas para descontrair o ambiente ao mesmo tempo em que se discutiam e contextualizavam-se temas transversais da vida cotidiana dos alunos. Isso tudo sendo usado como pretexto par o exercício da leitura, escrita e oralidade.

O presente trabalho teve como proposta analisar a situação específica do caso dos estudantes da EJA (para o ensino médio) da Escola Estadual Luiz Ribeiro Limeira localizada no bairro de Tibiri II, na cidade de Santa Rita, Estado da Paraíba, e apresentar uma proposta metodológica para o caso específico que possa ser extensiva à todas as turmas dessas modalidades de ensino no Brasil.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pensar e efetivar um modelo educacional específico para promover o que chamamos letramento, demanda um complexo agrupamento de análises prévias. É preciso considerar contextos sociais, linguagens e objetivos. A consideração desses aspectos torna-se ainda mais específica e, por isso, desafiadora quando o público alvo é formado por adultos, que por circunstâncias das mais diversas, estiveram fora do ambiente escolar por muitos anos. Nesses casos, o letramento está visceralmente ligado ao que chamamos desenvolvimento de uma consciência social e cidadã.

O exercício pleno da cidadania se dá apenas quando o indivíduo tem os meios pelos quais pode compreender a sociedades que o cerca e o seu papel dentro desse todo. No Brasil milhões de pessoas tem direito a cidadania, mas grande parte não sabe disso, até que por meio do saber ler, descobrem. Não se fala de um saber ler como decodificação mecânica de um conjunto de símbolos gráficos e sim do ler a sua rua, o bairro, a cidade, o país e perceber que tudo isso pertence a ele também. É entender que pode cobrar dos governantes e que tem direito a isso e muito mais (FREIRE, 1989).

Essa transformação mencionada acima vem ocorrendo em brasileiros que passam pelas turmas da EJA. O ensino de jovens e adultos, apesar de suas falhas e limitações, quando bem executado pode provocar uma mudança extraordinária na vida das pessoas. Infelizmente na maioria das vezes ocorrem deficiências nessa formação por falta de uma metodologia adequada que motive o aluno e dinamize o ensino tornando-o prático e contextualizado para a vida do estudante.

Fala-se de educação de jovens e adultos no Brasil desde o período colonial e muitos foram os programas que surgiram com o objetivo de proporcionar a esse público a oportunidade de se desenvolver como cidadão e progredir socialmente. E mesmo que todos tenham fracassado no objetivo de erradicar o analfabetismo em seus vários níveis, não se pode negar que houve contribuições pontuais, porém bastante significativas de todos esses projetos. Mas faltava uma ação mais clara por parte dos entes governamentais no tocante à definição de objetivos e reponsabilidades para com a EJA. Um problema que teoricamente começou a se resolver a partir da elaboração da constituição que está em vigor em nosso país.

A constituição Federal de 1988 estabelece que "a educação é direito de todos e dever do estado e da família [...]" e ainda ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta garantida para todos os que a ela não tiveram acesso na idade escolar. O parecer 05/97 do Conselho Nacional de Educação aborda a questão da denominação "Ensino de jovens e adultos" e "Ensino supletivo", define os limites de idade fixados para que jovens e adultos se submetam a exames supletivos, define a competências dos sistemas de ensino e explicita as possibilidades de certificação.

A legislação atual em vigor que rege a respeito da EJA, encontra-se amparada na lei de diretrizes e bases de educação nacional n° 9394 de dezembro de 1996, constam no título V (dos níveis e da modalidade de educação e ensino), capítulo II (de educação básica), seção V, dois artigos relacionados, especificamente, a educação de jovens e adultos (BRASIL. MEC, 2008):

Art.37- A educação de jovens e adultos seu destinado aqueles que não tiveram acesso em continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria.

Inciso 1° Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

Inciso2° O poder publico viabilizará e estimulará o acesso à permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38- Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Inciso1° Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão no nível de inclusão do ensino fundamental, para os níveis de quinze anos.

II. No nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

Inciso2° Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Mesmo diante de toda essa legislação, ainda o que se nota é um descaso com essa modalidade de ensino por parte dos governantes e das autoridades da área da Educação que não definem um material didático próprio nem uma metodologia que

sirva de parâmetro para a atuação dos professores. Assim, muitos profissionais não dão a devida atenção à formação desses alunos e até os tratam de forma preconceituosa, não levando em conta, sobretudo, o contexto social e a história de vida deles.

2.2 IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS

O termo letramento foi usado inicialmente em uma abordagem antropológica. As práticas de leitura e escrita como socialmente construídas só começaram a ser pesquisadas a partir da década de 70. Até esse momento, o letramento era compreendido como codificação e decodificação de símbolos organizados em qualquer sistema que representa de forma permanente e precisa a linguagem oral (MACEDO, 2005).

Anterior aos anos 70, autores como Jack Good, David Olson e Walter Ong entendiam a escrita como sendo autônoma independente do contexto. Apresentava-se desvinculada do oral, como um componente no desenvolvimento cognitivo do sujeito e no social e econômico de uma sociedade (MACEDO, 2005).

Promover a alfabetização de jovens e adultos é um passo fundamental para o desenvolvimento social de grande parte da população, porém é apenas o primeiro passo. A sequência adequada a se estabelecer no processo de formação desses alunos deveria ser composta de níveis que promovessem o progresso na capacidade de decodificação não apenas da linguagem escrita do idioma, mas principalmente, do processo estrutural da sociedade na qual eles estão inseridos.

Avançar na compreensão dos textos e das temáticas mais variadas, expandir a visão de mundo por mais debates de temas relacionados à vida diária, deveria ser o foco tanto dos profissionais que trabalham na EJA como em todas as modalidades de ensino. Essa forma de abordagem mais proativa e focada na realidade é que se poderia chamar de letramento.

Dados do Instituto Nacional de Estatística e Pesquisa em Educação (INEP) indicam que os índices alcançados pela maioria dos alunos de 5ª ano do Ensino Fundamental não ultrapassam os níveis “crítico” e “muito crítico”. Isso quer dizer que mesmo para as crianças que têm acesso à escola e que nela permanecem por mais de

3anos, não há garantia de acesso autônomo às práticas sociais de leitura e escrita (INEP, 2011).

Independentemente do vínculo escolar, essa mesma tendência parece se confirmar pelo Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) 2011-2012, em uma pesquisa realizada por amostragem representativa da população brasileira de jovens e adultos (de 15 a 64 anos de idade) entre os 2000 entrevistados, 1475 eram analfabetos ou tinham pouca autonomia para ler ou escrever, e apenas 525 puderam ser considerados efetivos usuários da língua escrita.

As explicações mais simplistas culpam o aluno pelo fracasso escolar; usam os chamados “problemas de aprendizagem” que se explicam muito mais pelas relações estabelecidas na dinâmica da vida estudantil, como se o desafio do ensino pudesse ser enfrentado a partir da necessidade de compreender o aluno para com ele estabelecer uma relação dialógica, significativa e compromissada com a construção do conhecimento. É preciso considerar, como ponto de partida, que as práticas letradas de diferentes comunidades e portanto, as experiências de diferentes alunos, são muitas vezes distantes do enfoque que a escola costuma dar à escrita (o letramento tipicamente escolar) (POSSENTI, 1997) .

Lidar com essa diferença (as formas diversas de conceber e valorar a escrita, os diferentes usos, as várias linguagens, os possíveis posicionamentos do interlocutor, os graus diferenciados de familiaridade temática, as alternativas de instrumentos, portadores de textos e de práticas de produção e interpretação...) significa muitas vezes percorrer uma longa trajetória, cuja duração não está prevista nos padrões inflexíveis da programação curricular. É um processo e como tal divide-se em várias etapas que vão sendo vencidas em ritmos diferentes por cada indivíduo (POSSENTI, 1997).

2.3 NÍVEIS LINGUISTICO PARA O LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS

É muito importante que o aluno que está passando pelo processo de letramento entenda que a linguagem é variável e se adaptar aos mais diferentes contextos e necessidades. Ou ainda, que há muitas formas de expressão linguística, muitas formas

de falar e de escrever que devem ser empregadas em circunstâncias específicas para atender às necessidades do usuário do idioma.

A subjetividade da poesia, a objetividade das notícias e as especificidades dos dialetos profissionais devem ser de conhecimento dos alunos, não no sentido de compreendê-los em sua plenitude, obviamente, mas no sentido de saber que determinados tipos de expressão são próprias de certos contextos e por isso tem hora e lugar adequados para serem usados. Desenvolver o letramento de um aluno da EJA é levá-lo a compreender o poder das palavras, que elas são fundamentais para a vida social, podem causar danos irreparáveis, mudar o rumo de vidas, produzir coisas boas e até mesmo causar tragédias. Por isso o uso das palavras deve ser precedido de um planejamento cuidadoso (BAKHTIN, 1992).

Segundo BAKHTIN (1992) todos nós compreendemos que a comunicação é um dos aspectos mais importantes da sociedade humana. O homem é por excelência um comunicador desde o seu primeiro choro, ou mesmo antes, até o seu último suspiro. Comunicar é algo tão presente em nossas vidas que nos parece simples a ponto de esquecermos que demanda um agrupamento de ações, funções e, principalmente, intenções para que se estabeleça e cumpra o seu papel fundamental: suprir a demanda de interação entre os indivíduos e suas instituições.

No processo comunicativo, a palavra escrita ou falada, está acima de todos os outros elementos de comunicação. O poder da palavra faz dela ao mesmo tempo um veneno e um antídoto; o caminho para a ‘vida ou a senda da morte’. Os que são hábeis no uso deste poder conseguem erigir ou dissolver impérios. Por exemplo, Jesus Cristo é chamado de “a palavra” na Bíblia, isso pode explicar por que a influência de seus ensinios se expandiu por toda a Terra. Já um exemplo negativo é o de Adolf Hitler que usou o poder da palavra para manipular nações e produziu a maior tragédia do século 20, a morte de milhões de pessoas na 2ª guerra mundial.

Atribuiu-se à Escola a responsabilidade de habilitar os homens na arte da comunicação escrita, o que é um absurdo, pois o máximo que este ambiente pode fazer é apresentar diretrizes para a estruturação textual. Mas escrever bem vai muito além de regras e modelos, é um talento nato que pode ser apenas “lapidado” no ambiente escolar.

Aos que não possuem tal habilidade natural resta compreender que não se escreve texto algum sem o devido planejamento, a sistemática de escrita é algo involuntário, porém se for percebida e empregada de forma consciente pode levar qualquer indivíduo a se expressar por meio da modalidade escrita com o mínimo de clareza e coerência para isso é preciso ter como base a seguinte lógica sistemática: conhecimento temático, seleção de informações, emprego dos mecanismos linguísticos e definição de estruturas textuais (BAKHTIN, 1992).

O efetivo letramento dos alunos começa a se configurar quando eles passam a compreender, minimamente, a lógica dessa sequência, mesmo que de forma involuntária. Para isso é preciso que o escrevente conheça o tema sobre o qual pretende desenvolver a sua produção (isso demanda leitura atenta e significativa), pois não se concebe um texto de conteúdo significativo sem uma base mínima de conhecimento temático; ou não se conseguirá escrever ou escrever-se -a absurdos.

Conhecido o tema, é preciso discuti-lo, analisar seus vários aspectos e seus detalhes mais relevantes. Faz-se necessária uma seleção apurada de informações que de fato estejam relacionadas à abordagem que se quer estabelecer. Por exemplo, o tema política, que é extremamente abrangente, é preciso definir o que se pretende falar sobre política, pode ser a história da política, mudanças políticas no mundo, política brasileira atual ou tantas outras possibilidades de abordagens relacionadas à temática geral.

Esse passo é fundamental para se definirem as diretrizes textuais. Se não for feita uma seleção adequada das informações que servirão de base para o desenvolvimento temático, não haverá consistência na argumentação, na exposição de ideias ou sequências narrativas. Não se estabelecerá uma progressão textual coerente, haverá, de fato, um aglomerado de informações que não apresentarão uma relação lógica de sentidos, impondo uma severa limitação à expressividade do texto produzido (BAKHTIN, 1992).

O passo seguinte é a definição do nível linguístico a ser empregado no texto. Nesse momento, o escrevente terá de lançar mão dos conhecimentos semânticos, sintáticos e morfológicos adquiridos em suas vivências acadêmicas e cotidianas. É fundamental que a linguagem utilizada no texto seja definida tendo como referência a capacidade de decodificação do leitor a que se destina.

Tomemos por exemplo a frase

“A labuta humana não pode transpor os limites do seu somático peculiar sob pena de óbito, que é o mesmo que: “O ser humano não pode trabalhar além da capacidade do seu próprio corpo para não falecer”, ou ainda, “Se a gente trabalhar demais a gente morre”.

Percebe-se a manutenção do conteúdo semântico, embora haja uma adequação linguística à capacidade do leitor. A comunicação plena, que é o objetivo maior de todo texto, apenas será estabelecida se houver a interação adequada entre leitor e linguagem. Do contrário, se estabelecerá um ato comunicativo entrecortado de ruídos, considerando uma hipótese bastante otimista.

Como último passo observa-se a estruturação textual, que dependerá da intenção comunicativa do escrevente. Nessa fase, se faz necessária a definição dos gêneros e tipologias adequadas à tarefa que se pretende realizar. O escrevente precisa conhecer as características das tipologias narrativa, descritivas e dissertativas; diferenciar verso e prosa, e os gêneros mais diversos como carta, notícia, resumo, relatório, dentre outros (ARAÚJO, 2007).

Tomemos como exemplo o seguinte texto (In: Diário do Nordeste. Fortaleza, 27/3/2009 - com adaptações):

“O primeiro-ministro britânico Gordon Brown afirmou que o Reino Unido apoia a candidatura brasileira a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da organização das Nações Unidas (ONU). “O Brasil tem o respaldo total do governo britânico para ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU”, disse Brown, durante um seminário sobre a próxima cúpula do G-20. Brown ressaltou que, além da vaga no conselho, o Brasil também deve participar mais da agenda global, sendo mais efetivo na administração do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. Segundo ele, o Brasil terá um papel importante na solução dos quatro grandes desafios que o mundo tem para enfrentar: a estabilidade financeira, as mudanças climáticas, o extremismo social e religioso e o crescimento da pobreza. Inglaterra quer Brasil na ONU”.

Pode-se afirmar que o redator dessa matéria selecionou as informações que julgou mais relevantes sobre o tema “A participação do Brasil na política mundial”. Ele poderia ter citado o comentário positivo de um representante de um país africano sobre o Brasil, porém optou por mencionar primeiro-ministro britânico Gordon Brown, pois conhece o poder da Inglaterra no tocante à política global.

Sendo o texto do gênero jornalístico, consideraram-se suas características estruturais peculiares como a predominância da tipologia narrativa e os elementos fundamentais da notícia: quem, onde e quando. Observa-se, também, que a seleção vocabular foi definida tendo em mente um leitor de um nível cultural elevado para o qual palavras como “respaldo”, “agenda global” e “FMI” são de simples compreensão.

Na letra de uma música de autoria de Gilberto Gil (2000), denominada “Beira Mar” também aplica-se os conceitos de nível linguístico, pois constitui-se em um poema de louvor ao litoral baiano, conforme letra abaixo:

Na terra em que o mar não bate,	Mar que em todo mundo exista,
Não bate o meu coração.	Ou melhor, é o mar do mundo
O mar onde o céu flutua,	De um certo ponto de vista
Onde morre o sol e a lua,	De onde só se avista o mar
E acaba o caminho do chão.	E a ilha de Itaparica.
Nasci numa onda verde,	A Bahia é que é o cais,
Na espuma me batizei,	A praia, a beira, a espuma.
Vim trazido numa rede,	E a Bahia só tem uma
na areia me enterrarei.	Costa clara, litoral
Ou então nasci na palma,	É por isso que o azul,
palha da palma no chão,	Cor de minha devoção
tenho a alma de água clara,	Não qualquer azul, azul
meu braço espalhado em praia	De qualquer céu, qualquer dia
e o mar na palma da mão.	O azul de qualquer poesia,
No cais, na beira do cais	De samba tirado em vão.
Senti meu primeiro amor.	É o azul que a gente fita
E num cais que era só cais	No azul do mar da Bahia .
Somente mar ao redor.	É a cor que lá principia
Mas o mar não é todo mar.	E que habita em meu coração.

Com a intenção de fazer essa homenagem o compositor escolheu a estrutura textual adequada ao propósito musical, o verso. Fez também a seleção de palavras relacionadas semanticamente ao tema litorâneo, tais como: mar, espuma, praia, cais, ... É importante ressaltar ainda o jogo polissêmico usado para expressar uma relação sentimental: àquele ambiente no trecho “Na terra em que o mar não bate, / Não bate o meu coração. Outro trecho de bastante relevância para a análise desse texto é o em que se repetem as palavras “azul” e “qualquer” objetivando mostrar que a cor do mar da Bahia é inigualável. E como um detalhe que revela a ampla capacidade vocabular do

compositor tem o verso “É o azul "que a gente fita” em que se emprega um termo da linguagem informal “a gente” ao lado de um verbo de uso vocabular mais culto “fita” (fitar).

Buscou-se com esses exemplos demonstrar a necessidade de trabalhar a produção de texto de uma forma lógica que requer planejamento e a utilização consciente da gramática e de estruturas textuais. Deve ser compromisso dos professores do ensino básico tornar a prática de produção textual uma atividade permanente em sala de aula e que conduza os alunos ao desenvolvimento da habilidade da expressão escrita como mecanismo fundamental para exercício da cidadania, bem como um canal de manifestação da arte literária.

2.4 LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS NO ENSINO EJA

É pela falta de um trabalho correto no processo de ensino da escrita que em nosso país tornaram-se comuns pessoas que concluem o ensino básico não conseguem se expressar adequadamente por escrito. Isso compromete o progresso da sociedade brasileira em todas as áreas produtivas, pois o conhecimento científico se vale da escrita para a disseminação de novas ideias e tecnologias. Escrever adequadamente é um direito de todos e uma responsabilidade dos que querem contribuir para a construção de uma sociedade em que os socialmente diferentes tenham oportunidades iguais.

Ler e escrever devem ser o objetivo maior de todo o processo educativo. Na EJA ou em qualquer outra modalidade de ensino o esforço dos profissionais é direcionado para aprimorar as habilidades de leitura e escrita dos alunos. Essa foi a grande motivação para o desenvolvimento deste trabalho.

Os níveis de linguagem dizem respeito ao uso da fala e escrita em uma determinada situação comunicativa. O emissor e o receptor devem estar em concordância para que haja entendimento. Assim sendo, cada ocasião exige uma linguagem diferente (BAGNO, 2007).

Por um lado existe a norma que rege a língua escrita que é a gramática. No entanto, a fala não se trata de uma convenção, mas do modo que cada um utiliza esse acordo. Portanto, a língua falada é mais desprendida de regras, e, portanto, mais espontânea e expressiva. Por este motivo, está suscetível a transformações, diariamente. Assim, a mudança na escrita começa sempre a partir da língua falada e, por este motivo, esta é tão importante quanto à língua escrita. Contudo, não é toda alteração na fala que é reconhecida na escrita, mas somente aquelas que têm significação relevante à sociedade (BAGNO, 2007).

O que determinará o nível de linguagem empregado é o meio social no qual o indivíduo se encontra. Portanto, para cada ambiente sociocultural há uma medida de vocabulário, um modo de se falar, uma entonação empregada, uma maneira de se fazer as combinações das palavras, e assim por diante (BAGNO, 2007).

A linguagem, por conseguinte, deve estar de acordo com o contexto em que o emissor da mensagem e o destinatário se encontram. Claro, porque você não conversa com o vizinho da mesma forma que conversa com o professor ou conversa com o representante de sala da mesma forma que conversa com o diretor ou com este do mesmo jeito que com os pais.

O fato de um sujeito possuir mais escolaridade que o seu interlocutor não o torna superior em termos de conhecimento de mundo. Porém, a maioria dos professores utiliza-se da sua autoridade para comprovar se o seu aluno possui, ou não, cultura, colocando-o, muitas vezes, numa posição marginal. E isso se volta, dentre outros níveis educacionais, para a Educação de Jovens e Adultos.

Apesar de possuir um nível de escolaridade considerado pela sociedade como superior, o educador, ao iniciar seus procedimentos didáticos nas turmas de EJA, deve considerar o fato de que seus alunos já possuem uma cultura diferente da sua. Dessa maneira, sua metodologia precisa utilizar esses diferentes saberes populares, para que cada estudante compreenda melhor o conteúdo estabelecido pelos parâmetros educacionais. (BECHARA, 2002)

Sob esse ponto de vista, o educador de jovens e adultos não pode pressupor que somente o seu discurso é o correto no momento em que expõe a matéria, uma vez que o saber do educando também é importante no processo de aprendizagem de ambos. Assim, o que se observa na sala de aula é uma extinção do diálogo entre o educador e o

aluno, o que coloca o mestre de ensino numa posição autoritária diante do grupo discente. (FREIRE, 1996).

Segundo Bakhtin (2000) ressalta essa questão afirmando que:

“Cada palavra remete a um ou a diversos contextos, nos quais ela viveu sua existência socialmente subentendida. Todas as palavras, todas as formas, estão povoadas de intenções. (...) A palavra do outro deixa de ser uma informação, uma indicação, uma regra (...), ela procura definir as bases mesmas de nosso comportamento e de nossa atitude em relação ao mundo.”

É necessário que o educador transforme sua postura e desperte o sentido de produção em seu aluno, estimulando a leitura de textos seguida de debates no qual o potencial crítico do mesmo seja revelado. Promover o letramento é muito mais do que ensinar a ler e escrever, é na verdade, ensinar a ver o mundo em que se vive com seus detalhes como desigualdades e injustiças. Por isso é necessário que na atividade docente, se tenha dedicação e esforços nesse sentido, por uma questão de solidariedade humana e dever como cidadão consciente do papel dos educadores em uma sociedade.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, a metodologia utilizada, do ponto de vista de sua origem, foi uma pesquisa aplicada que visou através de novos estudos problemas de diversas naturezas.

A abordagem do problema foi feita através de pesquisa qualitativa que buscou analisar e correlacionar os fatos através de observações e registros, baseado na documentação direta e indireta.

Segundo Andrade (1993), a documentação direta se relaciona com a pesquisa de referencial teórico e documental, e a documentação indireta se baseia nas técnicas de observação propriamente ditas, nas entrevistas e visitas ao local.

A documentação direta teve como objetivo recolher, analisar e interpretar as informações já existentes sobre o assunto e o ambiente de estudo.

Na documentação indireta, os dados foram coletados diretamente no local, utilizando formulário contendo todas as informações das atividades desenvolvidas, com os objetivos preestabelecidos sobre o que seria coletado, onde uma das ferramentas utilizadas foi o da entrevista, que permitiu a obtenção de dados relevantes e a observação das atitudes e reações dos entrevistados, com a finalidade de conhecer o nível de letramento e de respostas após a introdução da linguística musical.

Como procedimento técnico foi utilizado o método do estudo de caso, que possibilitou uma visão geral do ambiente, e a partir de uma análise profunda do objeto de estudo, foi levantado questões importantes da área, levando a solução de problemas específicos.

No apêndice está descrita a metodologia de avaliação para verificar o nível de letramento dos alunos e posteriormente inicia-se uma sequência de sete atividades que seguem os descritos abaixo:

1. Análise de letras de músicas que abordam direta ou indiretamente temas como prostituição, discriminação social, desestruturação familiar e marginalidade, buscando estabelecer relações interdisciplinares com objetos de estudos das ciências sociais. Esta análise é feita usando vídeos exibidos por meio de um projeter multimídia (data Show) e material impresso.

2. Resolução de questões propostas que serviram de base para o debate. (essas questões foram cuidadosamente elaboradas de forma tal que proporcionaram ao aluno a trabalhar conceitos gramaticais fundamentais e raciocinar sobre os temas abordados).
3. Debate do tema abordado na música.
4. Produção de textos de acordo com a proposta apresentada pelo professor.
5. Realização de atividade de reescrita dos textos.
6. Ao final de reescrita os grupos leem para a turma os textos revisados.
7. Avaliação final evidenciando avanços no letramento dos alunos.

O público-alvo foi de 120 alunos concluintes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Ensino Médio da Escola Luís Ribeiro Limeira na Cidade de Santa Rita-PB. Essa metodologia visou aprimorar as habilidades de leitura, produção de texto escrito e expressão oral. As músicas escolhidas foram organizadas em uma sequência que reproduz a trajetória de vida de pessoas com o perfil social semelhante ao de muitos alunos da EJA.

Após a realização das atividades, processo que durou sete semanas no 2º semestre letivo de 2013, aplicou-se uma avaliação final para se verificar se houve avanços no letramento dos alunos. Compararam-se os resultados de desempenhos dos alunos nas avaliações iniciais e finais. Finalmente, foi aplicado um questionário para que os alunos se expressem sobre a metodologia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RELATO DA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Após trabalhar durante um ano com alunos do EJA da escola Luís Ribeiro Limeira, localizada na cidade de Santa Rita, estado da Paraíba, foi possível observar o nível de carência e complexidade que permeava as vidas daquelas pessoas. Eles eram excluídos de várias formas, a começar pela exclusão feita nas escolas de ensino “regular”, às quais eles não se adequavam por inúmeros motivos, tais como a necessidade de trabalhar para sustentar a família e não terem tempo para se dedicarem aos estudos, além de problemas familiares extremos que levaram muitos às drogas e à prostituição.

Durante o período de trabalho, ocorreram três (3) casos de jovens que se tornaram mães e traziam seus filhos recém-nascidos para a sala de aula. Outros tantos casos de pessoas que fugiram da miséria em áreas mais pobres do estado e agora habitavam favelas onde a marginalidade imperava. A maioria andava em grupos para ir e vir da escola por medo da violência, pois moravam a 4 ou 5 quilômetros de distância da escola. Em comunidades afligidas pelo tráfico de drogas e eram obrigados a fazer o percurso a pé por não terem dinheiro para pagar o transporte.

Aproximadamente 50% dos alunos vinham direto do trabalho para a escola onde se alimentavam com um jantar muito simples oferecido pela instituição, mas que era um alívio para a fome de quem não tinha nada para comer à noite em casa.

A maioria estava exausta por ter passado o dia inteiro trabalhando, outros pediam para sair um pouco mais cedo, pois “trabalham” no período noturno. A grande maioria, mais de 70%, era constituída de operários da construção civil, empregadas domésticas e trabalhadores informais, o restante eram donas de casa ou desempregados.

Uma lousa e giz não serviriam de estímulo ao interesse de quem vive em um contexto social tão inóspito, isso ficou comprovado com o baixo rendimento notado principalmente daqueles alunos que concluíam o ciclo de formação. Mesmo estando na etapa final do curso, apresentavam deficiências graves nas capacidades de leitura e escrita. Constatou-se, por atividades preliminares, que cerca de 90% era alfabetizada,

mas iletrada, incapaz de compreender conteúdos textuais simples e também de produzirem textos escritos e/ou orais de forma clara e objetiva.

Fez-se necessário o emprego de abordagens mais práticas e próximas da realidade daqueles estudantes. Falar de situações com as quais eles pudessem se identificar, permitindo que se expressassem sobre suas experiências; trazer a vida real para dentro da sala de aula. Agregada a isso, a linguagem musical que foge da monotonia e traz uma atmosfera nova e estimulante para se contrapor ao cansaço e aos problemas da vida diária.

4.2 PERCEPÇÃO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS DO EJA APÓS A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA PROPOSTA NESTE TRABALHO

Desde o primeiro momento, as atividades do projeto causaram forte impacto positivo no ambiente de sala de aula. Quando entrei pela primeira vez na sala do 3º ano da EJA carregando o data show, os alunos ficaram curiosos e começaram a perguntar que aparelho era aquele. Fiz questão de dizer a eles que se tratava de um equipamento moderno e exclusivo enviado pelo governo federal para todas as escolas públicas do Brasil e que muitas escolas particulares não possuem um equipamento tão moderno. Isso fez com que elas percebessem que há um interesse por parte do poder público na educação deles. Parece que eles foram tomados por uma espécie de orgulho bom, estavam se sentindo em uma posição de destaque, privilegiados.

A primeira atividade teve como música de referência a composição “SAMPA”, de Caetano Veloso. No momento do debate surgiram logo casos de identificação pessoal, muitos passaram a relatar suas experiências ao saírem da Paraíba com destino a São Paulo. Falaram da mudança de visão de mundo que sofreram ao se depararem com aquela metrópole. Sair de cidades pequenas do interior e passar a viver em uma das maiores cidades do mundo foi um grande choque para eles. Perceberam o paradoxo de riqueza e miséria na mesma cidade grande; a violência, a poluição. Tiveram de reaprender a viver.

Na segunda atividade, que teve por base a música “CIDADÃO” (composição de Zé Geraldo interpretada por Zé Ramalho), o preconceito social foi a temática do debate.

Os alunos relataram vários casos em que foram vítimas de preconceito de toda ordem. Muitos citaram casos em que perderam oportunidade de emprego devido ao lugar onde moravam. Falei da importância de combater esse tipo de crime denunciando os fatos às autoridades e exigindo o respeito que todo cidadão merece. Falou-se também da necessidade de se cuidar bem da aparência pessoal e da importância de se qualificar profissionalmente para ter mais oportunidades no mercado de trabalho e saber exercer plenamente a cidadania.

Na terceira atividade, que teve como texto base a música “GAROTO DE ALUGUEL”, de autoria de Zé Ramalho, o tema abordado foi à prostituição. Durante o debate, guiado pelas perguntas do exercício, muitos foram os relatos surpreendentes, pois os alunos falaram sobre casos de pessoas conhecidas deles que estão nessa condição. Dois casos tiveram destaque, pois eram relacionados a outras mazelas sociais: abuso sexual contra menores e vício em drogas. Um dos alunos citou um caso de uma adolescente da família dele que foi estuprada pelo padrasto e por isso passou a se prostituir. Uma aluna citou o caso de uma amiga de infância que se prostituiu para sustentar seu vício em crack. Ela relata: “Hoje essa menina faz programa até por R\$ 5,00, que só dá para comprar uma pedra”.

Essa mesma aluna fez um relato muito particular de sua vida: “Eu apanhava do meu marido, ele deixava eu e meu filho passar fome. Eu não aguentei e fui para casa dos meus pais, arrumei uma lavagem de roupa, ganhava R\$ 40, 00 reais por semana, mas nunca pensei em me prostituir. Uma vez um safado, marido de uma amiga minha, me ofereceu dinheiro para transar com ele. Eu esculhambei ele. Passei por muitas dificuldades. Hoje tenho um emprego em uma loja de roupas e sustento meu filho, e até ajudo a peste do meu ex- marido que só vive desempregado, mas esse negócio de vender o meu corpo, jamais”.

Outro caso me comoveu profundamente foi o de uma aluna que durante o debate citou o caso de uma mulher que foi abandonada pelo marido e seus familiares moravam em outro estado. Esta mulher estava no centro da cidade de João Pessoa, com muita fome, realmente desesperada com a filha de oito meses no colo. Um homem se aproximou e perguntou se ela faria “um programa” com ele em troca de uma pizza. Ela aceitou. Deixou a criança em uma das lanchonetes do lugar e foi. Depois disso ela percebeu que a prostituição poderia ser uma forma de conseguir dinheiro para se sustentar e cuidar de sua filha. Essa mulher permaneceu por muitos anos nessa

atividade, comprou casa, carro e criou a filha. Seria um caso como outros tantos, mas quando a aula terminou e eu já estava no corredor, à aluna que fez o relato se aproximou de mim e disse “Professor, sabe aquela mulher sobre quem eu falei na aula? É a minha mãe e eu era aquela criança”. Fiquei sem palavras.

Na quarta atividade do projeto, usei como texto base a música “MUROS E GRADES”, da banda Engenheiro do Hawai. A letra da música trata dos paradoxos sociais vividos no Brasil. O debate em certo momento ficou “quente”, pois um aluno estava criticando os políticos brasileiros, afirmando que eles eram os culpados por tanta desigualdade, que buscavam benefícios pessoais e apenas exploravam a boa fé do povo. Nisso ele citou como exemplo o caso de um vereador da cidade de Santa Rita que antes de ser eleito possuía um carro caindo aos pedaços e três meses depois de tomar posse desfilava no bairro em um carro de luxo. Outro aluno que é amigo do vereador citado saiu em defesa do parlamentar, então se iniciou uma discussão muito intensa. Precisei ser enérgico para que elas não se agredissem fisicamente.

Prosseguindo o debate chegou-se a uma questão que tratava dos medos que a vida atualmente nos faz desenvolver. O medo da violência foi o mais citado. Alguns relataram casos de assaltos dos quais foram vítima e dos traumas que essas situações criaram em suas vidas. Também falaram de vários casos de assassinatos ocorridos nos bairros onde moram. Um caso em especial foi comovente, uma aluna relatou que o seu ex- marido tentou matá-la e por isso hoje ela não consegue ter um relacionamento estável por que ficou com “medo de homens”. Ela disse que sempre que está começando um namoro, vem na mente o medo de que aquela situação se repita.

Nas atividades 5 e 6 que tiveram como tema as músicas “MINHA HISTÓRIA” e “MEU GURI”, ambos de autoria de Chico Buarque, as histórias de vida semelhante “afloraram” intensamente. Os alunos conseguiram fazer uma inter-relação entre as situações. O debate foi muito rico, pois muitos falaram que a condição social realmente pode lavar as pessoas para o mundo da criminalidade. O fato de não ter uma família estruturada pode influenciar na “deformação” do caráter de uma pessoa. Por outro lado, muitos disseram que passaram por situações bem parecidas com as citadas nas músicas, mas não se tornaram marginais, são pessoas “de bem”.

Coincidentemente na semana em que estávamos analisando a música “Meu guri”, no Congresso Nacional estavam tramitando projetos que apresentavam propostas para

reduzir a maioria penal, essa situação ajudou a ampliar o debate, foi muito proveitoso.

A música “SE EU QUISSER FALAR COM DEUS”, de Gilberto Gil foi o tema da última atividade do projeto. Nas turmas ocorreu a predominância da religião Católica, mas o protestantismo também é muito forte. Há também aqueles que dizem acreditar em Deus, mas são avessos à religião, algo que parece paradoxal, mas compreensível, porque muitos afirmam que os líderes de muitas religiões agem com hipocrisia, explorando a ingenuidade dos fiéis. Penso que o ponto mais positivo de ter abordado este tema tenha sido mostrar para eles que é fundamental respeitar as diferenças de pensamento. Todos têm o direito de professar qualquer fé ou até mesmo nenhuma fé, porém existe a necessidade de respeitar o mesmo direito dos outros. Foi importante trazer para o debate as consequências da intolerância religiosa pelo mundo: violência, morte; tudo o que é contrário ao que a religião deveria ensinar.

4.3 AVALIAÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADOS JUNTO AOS ALUNOS

Mesmo apresentando uma avaliação positiva da maioria dos 120 alunos participantes, o trabalho recebeu críticas expostas no questionário de avaliação que merecem uma reflexão de nossa parte.

Uma delas dizia que a metodologia não era interessante por que lavava o aluno a **ler** demais e os textos eram complicados. Tal crítica foi recebida com preocupação por que mostra exatamente a deficiência de leitura dos alunos que chegam ao fim do ensino básico desprovidos de uma competência mínima nessa área de conhecimento. Porém também a recebemos de modo satisfatório por que houve uma mudança na forma de abordar certas temáticas de forma a chamar a atenção dos alunos, saindo do comum em que um professor fala o tempo todo sobre regras gramaticais ou lê um texto para a turma e apresenta apenas uma forma de leitura (a dele própria).

Outra observação interessante exposta no questionário foi a de uma aluna que disse que essa metodologia que leva o aluno a se expressar ajuda a “diminuir o estresse

por que a gente fala o que pensa, coloca pra fora as ideias, pode tá certa ou errada e não fica só ouvindo o professor por que dá sono”. O fato de mantê-los acordados durante a aula já valeria muito, e se eles participam de alguma forma da aula, por mais divagante ou inconveniente que uma participação inadequada possa ser, ela sempre terá certo valor. E, por vezes, esse valor que possamos julgar desprezível será aquilo que estaríamos procurando ou que poderia esclarecer determinada ideia ou conceito. A multiplicidade de pensamentos e de linguagens é de valor inestimável para a formação desses alunos.

Dos alunos entrevistados, cerca de 90% aprovaram a metodologia e afirmaram que houve um progresso considerável na capacidade de leitura e escrita. Essas opiniões permitem que afirmemos que o objetivo motivador da pesquisa e do trabalho que se desenvolveu com os alunos da EJA foi de fato alcançado.

5 CONCLUSÃO

Após a termino do trabalho, relatos pessoais, conversas informais, enquetes e opiniões positivas mostraram que o objetivo desta proposta foi realmente atingido. Textos orais bem elaborados fluíam com muita leveza e espontaneidade. A vontade de escrever e de falar já era outra, mais firme e mais intensa. Isso é o suficiente para comprovar a viabilidade e a eficiência do método aqui exposto.

Alunos que no início das aulas sequer esboçavam qualquer comentário já demonstravam uma desenvoltura que ou estava escondida ou foi rapidamente desenvolvida. Escrever, para a maioria, já não era tão amedrontador. Embora os textos mais longos ainda sejam um desafio, hoje tal desafio está mais fácil de ser vencido;

Muito do sucesso dessa metodologia se deve a utilização da linguagem musical e às letras das músicas escolhidas que podem ter sido o canal de ligação das ruas e suas vivências com a sala de aula. A música deve ser sempre utilizada na escola, em qualquer situação, pois é uma linguagem universal e proporciona no ambiente mais alegria e motivação;

Posso afirmar que saí desse trabalho renovado, pois vi o quanto a minha profissão é importante para tantas pessoas. Oportunizei para muitos que se expressassem livremente sobre situações da vida diária, sobre seus medos e traumas. Fui surpreendido muitas vezes por relatos chocantes que sem dúvida me deixaram mais humanizado;

Finalmente posso ver os meus alunos de um ângulo diferente, sem barreiras, sem preconceitos. Passei a compreendê-los; não sou mais alguém que entra em sala de aula como “superior”, “dono do saber”, distante da realidade deles. Posso dizer que reaprendi a viver, eles me ensinaram muitas lições. Hoje sei que somos todos alunos da “escola da vida” e destes, eu sou o mais inexperiente, mas estou me esforçando e aprendendo a cada dia com a ajuda desses meus colegas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C (ORG). *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007-
- BAGNO, Marcos A luta desigual. Motivos .realidade nos livros didáticos de língua portuguesa. Dissertação de Mestrado, Recife, Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística, Universidade Federal de Pernambuco. 1995.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática , 2002)
- BRASIL. Lei nº 9394. Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta curricular para educação de Jovens e Adultos*, 2002.
- BRITO, Elizabete. *A promoção da leitura em adultos* Percurso pelos trilhos da leitura em cursos de Educação e Formação de Adultos. Instituto de Sociologia, 2010.
- CONGRESSO NACIONAL DO BRASIL, Constituição Federal. Brasília ,1988.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FRAIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa*. São Paulo: EGA, 1996.
- MACEDO, M. S. **Interações nas práticas de letramento – O uso do livro didático e da metodologia de projetos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- POSSENTI, Sírio (: *Porque(não)ensinar gramática na escola*. Campinas, Mercado de Letras., 1997.

APÊNDICE

A sequência abaixo apresenta cada atividade do projeto acompanhada de suas especificações e referências aos conteúdos abordados em cada momento.

1. AVALIAÇÃO INICIAL

Texto base: 1ª estrofe da música “Garoto de aluguel”, de Zé Ramalho. Conteúdos abordados: leitura e análise textual, produção de texto opinativo, verbo, substantivo, pronome e adjetivo.

“Dê-me seu dinheiro que eu quero viver
Dê-me seu relógio que eu quero saber
Quanto tempo falta para lhe esquecer
Quanto vale um homem para amar você
Minha profissão é suja e vulgar
Quero pagamento para me deitar
Junto com você estrangular meu riso
Dê-me seu amor que dele não preciso”

Perguntas:

Transcreva do texto

1. cinco verbos
2. cinco substantivos
3. dois adjetivos
4. dois pronomes possessivos
5. Explique a situação apresentada nesse fragmento textual.
6. Agora que você entendeu a situação exposta no fragmento analisado, produza um texto apresentando sua opinião sobre a situação de vida do personagem narrador. O que leva uma pessoa a praticar tal atividade, quais os riscos envolvidos; cite casos se conhecer.

2. ATIVIDADES DE LETRAMENTO COM MÚSICAS

1ª ATIVIDADE

Texto base: música "Sampa", de Caetano Veloso. Conteúdos abordados: pronomes e suas classificações, texto descritivo (teoria), texto narrativo (teoria) e produção de texto narrativo em 3ª pessoa. Tema transversal: Migração entre as regiões do Brasil, causas sociais e impacto desse fenômeno nos grandes centros urbanos.

Música: SAMPA - Compositor: [Caetano Veloso](#)

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas

Ainda não havia para mim Rita Lee
A tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes

E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço
E quem vende outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas

Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva

Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba
Mais possível novo quilombo de Zumbi
E os novos baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa

Perguntas:

1. Transcreva todos os pronomes do texto e classifique- os.
2. Quais trechos desse texto são descritivos?
3. Quais principais características de uma cidade grande você percebeu no texto?
4. Na terceira estrofe se faz uma referência ao mito de Narciso, pesquise para saber do que se trata.
5. Produza um texto descritivo em que um personagem apresenta suas impressões ao chegar a uma Metrópole.

2ª ATIVIDADE

Texto base: música “Cidadão”, composição de Zé Geraldo interpretada por Zé Ramalho. Conteúdos abordados: classificação dos substantivos, formalidade e informalidade da linguagem, descrição subjetiva e produção de carta pessoal. Tema transversal: desigualdade, discriminação social e cidadania.

Música: CIDADÃO – Compositor: Zé Geraldo

Tá vendo aquele edifício moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão
E me diz desconfiado, tu tá aí admirado
Ou tá querendo roubar?
Meu domingo tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Pus a massa fiz cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais forte

Por que que eu deixei o norte
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer.

Tá vendo aquela igreja moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também
Lá sim valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que cristo me disse
Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar

Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio fiz a serra
Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

Perguntas:

1. Faça uma lista com todos os substantivos do texto.
2. Leia ao texto atentamente e reescreva os trechos que estão em linguagem informal usando linguagem formal .
3. Como você imagina o personagem que está relatando os fatos, de onde ele veio, porque está na cidade grande, como é a moradia dele, em que trabalha ... ?
4. Por que o personagem- narrador sofreu discriminação?
5. Você já foi vítima desse tipo de discriminação? Se foi, relate esse fato.
6. Escreva uma carta para um amigo relatando o que aconteceu com o personagem- narrador do texto.

3ª ATIVIDADE

Texto base: música “Garoto de aluguel”, de Zé Ramalho. Conteúdos abordados: verbo (classificações e flexões), leitura e análise textual. Tema transversal: prostituição feminina, masculina e infantil.

Música: GAROTO DE ALUGUEL - Compositor: Zé Ramalho

Baby !

Dê-me seu dinheiro que eu quero viver
Dê-me seu relógio que eu quero saber
Quanto tempo falta para lhe esquecer
Quanto vale um homem para amar você
Minha profissão é suja e vulgar
Quero pagamento para me deitar
Junto com você estrangular meu riso
Dê-me seu amor que dele não preciso

Baby !

Nossa relação acaba-se assim
Como um caramelo que chegasse ao fim
Na boca vermelha de uma dama louca
Pague meu dinheiro e vista sua roupa
Deixe a porta aberta quando for saindo
Você vai chorando e eu fico sorrindo
Conte pras amigas que tudo foi mal
Nada aumenta a culpa de um marginal

Baby !

Nossa relação acaba-se assim
Como um caramelo que chegasse ao fim
Na boca vermelha de uma dama louca
Pague meu dinheiro e vista sua roupa
Deixe a porta aberta quando for saindo
Você vai chorando e eu fico sorrindo
Conte pras amigas que tudo foi mal
Nada me preocupa de um marginal

Perguntas:

- 1- Transcrever todos os verbos do texto.
- 2- Agrupe os verbos em suas respectivas conjugações.
- 3- O que está sendo descrito na letra da música?
- 4- De que forma podemos identificar agressividade na fala do personagem ?
 1. 5-Você conhece pessoas que estiveram ou estão na prostituição?

- 5-
- 6- Quais circunstâncias levam uma pessoa a se prostituir?
- 7- Produza um texto relatando um caso de prostituição ocorrido em sua comunidade.

4ª ATIVIDADE

Texto base:música “Muros e grades”, da banda Engenheiros do Hawaii. Conteúdos abordados: antítese e paradoxo, ampliação de vocabulário, descrição física e psicológica e produção de texto argumentativo. Tema transversal: violência urbana.

Música: MUROS E GRADES – Coposição: [Engenheiros do Hawaii](#)

Nas grandes cidades do pequeno dia-a-dia
O medo nos leva a tudo, **sobretudo** a fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia

Nas grandes cidades de um país tão violento
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido
O quase tudo quase sempre é quase nada...

Um dia super
Uma noite super
Uma vida **superficial**
Entre as sombras
Entre as sobras
Da nossa **escassez**

Um dia super
Uma noite superficial
Uma vida superficial
Entre cobras
Entre **escombros**
Da nossa **solidez**

Nas grandes cidades de um país tão **surreal**
Os muros e as grades
Nos protegem de nosso próprio mal

Levamos uma vida que não nos leva a nada
Levamos muito tempo prá descobrir
Que não é por aí...não é por nada não
Não, não pode ser...é claro que não é
¿Será?

Meninos de rua, delírios de ruína
Violência nua e crua, verdade clandestina
Delírios de ruína, delitos& delícias
A violência travestida faz seu trottoir
Em armas de brinquedo, medo de brincar
Em anúncios luminosos, lâminas de barbear

Um dia super
Uma noite super
Uma vida superficial
Entre cobras
Entre as sobras
Da nossa escassez

Uma voz sublime
Uma palavra sublime
Um discurso subliminar
Entre sombras
Entre escombros
Da nossa solidez

Viver assim é um absurdo, (como outro qualquer)
Como tentar o suicídio (ou amar uma mulher)
Viver assim é um absurdo (como outro qualquer)
Como lutar pelo poder (lutar como puder)

Perguntas:

- 1- Transcreva os versos que apresentam expressões de sentido oposto (antíteses).
- 2- Procure no dicionário os significados das palavras marcadas no texto e anote abaixo:
- 3- Dê uma interpretação para o verso “O medo nos leva a tudo, sobretudo a fantasia”.
- 4- Que aspectos físicos e psicológicos da sociedade são analisados na 2ª estrofe?
- 5- Como você definiria “uma vida superficial”?
- 6- Quais realidades dos grandes centros urbanos são apresentadas na 6ª estrofe?
- 7- Assuma a posição de um deputado federal e formule um texto propondo ações para mudar a realidade das grandes cidades do nosso país.

5ª ATIVIDADE

Texto base: música “Minha história”, de Chico Buarque e interpretado pela banda Cidade Negra. Conteúdos abordados: advérbios, locuções adverbiais e produção de texto narrativo em 1ª ou 3ª pessoa. Tema transversal: risco social para crianças e adolescentes

Música: MINHA HISTÓRIA – Compositor: Chico Buarque

Ele vinha sem muita conversa, sem muito explicar
Eu só sei que falava e cheirava e gostava de mar
Sei que tinha tatuagem no braço e dourado no dente
E minha mãe se entregou a esse homem perdidamente, laiá, laiá, laiá, laiá
Ele assim como veio partiu não se sabe prá onde
E deixou minha mãe com o olhar cada dia mais longe
Esperando, parada, pregada na pedra do porto
Com seu único velho vestido, cada dia mais curto, laiá, laiá, laiá, laiá
Quando enfim eu nasci, minha mãe embrulhou-me num manto
Me vestiu como se eu fosse assim uma espécie de santo
Mas por não se lembrar de acalantos, a pobre mulher
Me ninava cantando cantigas de cabaré, laiá, laiá, laiá, laiá
Minha mãe não tardou alertar toda a vizinhança
A mostrar que ali estava bem mais que uma simples criança
E não sei bem se por ironia ou se por amor
Resolveu me chamar com o nome do Nosso Senhor, laiá, laiá, laiá, laiá
Minha história e esse nome que ainda carrego comigo
Quando vou bar em bar, viro a mesa, berro, bebo e brigo
Os ladrões e as amantes, meus colegas de copo e de cruz
Me conhecem só pelo meu nome de menino Jesus, laiá, laiá
Os ladrões e as amantes, meus colegas de copo e de cruz
Me conhecem só pelo meu nome de menino Jesus, laiá, laiá, laiá, laiá

Perguntas:

- 1- Quais expressões do texto tem valor adverbial?
- 2- Pela descrição feita no texto, quais as “profissões” dos dois primeiros personagens?
- 3- Qual o nome do personagem – narrador? Por que o fato dele ter recebido esse nome é uma ironia?
- 4- Você acha que o ambiente em que o personagem- narrador foi criado influenciou no desenvolvimento da personalidade dele? Por quê?
- 5- Produza um texto em que a criança mencionada na música seja adotada por um família que lhe possibilite um vida diferente.

6ª ATIVIDADE

Texto base: música “Meu guri” de Chico Buarque, interpretada por Beth Carvalho.
Conteúdos abordados: foco narrativo tendencioso e produção de carta argumentativa.
Tema transversal: Criminalidade juvenil e o ECA.

Música: MEU GURI – Compositor: Chico Buarque

Quando, seu moço
Nasceu meu rebento
Não era o momento
Dele rebentar
Já foi nascendo
Com cara de fome
E eu não tinha nem nome
Prá lhe dar
Como fui levando
Não sei lhe explicar
Fui assim levando
Ele a me levar
E na sua meninice
Ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega suado
E veloz do batente
Traz sempre um presente
Prá me encabular
Tanta corrente de ouro

Seu moço!
Que haja pescoço
Prá enfiar
Me trouxe uma bolsa
Já com tudo dentro
Chave, caderneta
Terço e patuá

Um lenço e uma penca
De documentos
Prá finalmente
Eu me identificar
Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!

Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega no morro
Com carregamento
Pulseira, cimento
Relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar
Cá no alto
Essa onda de assaltos

Acho que tá lindo
De papo pro ar

Desde o começo eu não disse
Seu moço!
Ele disse que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Tá um horror
Eu consolo ele
Ele me consola
Boto ele no colo
Prá ele me ninar
De repente acordo
Olho pro lado
E o danado já foi trabalhar
Olha aí!

Olha aí!
Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega estampado
Manchete, retrato
Com venda nos olhos
Legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente
Seu moço!
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato
Acho que tá rindo

Perguntas:

Lendo atentamente o texto, percebe-se que a mãe faz uma narração exata dos fatos? Explique

- 1- Se um policial estivesse narrando os fatos do texto, como seria?
- 2- Você conhece histórias iguais a essa? Relate para a turma.
- 3- Produza uma carta direcionada a um deputado federal falando da sua preocupação com os crimes cometidos por adolescentes e apontando soluções .

7ª ATIVIDADE

Texto base: música “ Se eu quiser falar com Deus”, de Gilberto Gil. Conteúdos abordados: períodos simples e compostos, sentidos conotativo e denotativo e produção de texto dissertativo-argumentativo. Tema transversal: Religiosidade e o papel da religião na sociedade, tolerância religiosa e respeito aos direitos individuais.

Música: SE EU QUISER FALAR COM DEUS – Compositor: Gilberto Gil

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão

Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração

Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar.

Perguntas:

- 1- Qual oração do texto tem sentido condicional?
- 2- No texto, a palavra “nós” foi usada em sentido literal (real) e também em sentido metafórico. Identifique essas ocorrências.
- 3- De que forma notamos no texto a necessidade de se libertar das coisas terrestres para poder se aproximar com mais intensidade do Ser divino?
- 4- Em qual trecho afirma-se a necessidade de humildade para falar com Deus?
- 5- Quais são os versos que apresentam a necessidade de fé para se dirigir ao Criador?
- 6- De que forma a religiosidade influencia a sua vida?
- 7- Qual o efeito da religião no controle de males sociais como o consumo de drogas e a violência?
- 8- O que você entende por intolerância religiosa?
- 9- Religião e política devem se misturar? Opine.

10- Produza um texto opinativo- argumentativo que busque convencer as pessoas sobre a necessidade de se respeitar as preferências religiosas dos outros.

3. AVALIAÇÃO FINAL.

Textobase: “José”, poema de Carlos Drummond de Andrade e música e interpretação de Paulo Diniz. Conteúdos abordados: leitura e análise textual, produção de texto opinativo, verbo, substantivo, pronome e adjetivo.

JOSÉ

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Você?
Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,

sua incoerência,
seu ódio, - e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde

Perguntas: Transcreva do texto

1 cinco verbos

2 cinco substantivos

3 quatro adjetivos

4 dois pronomes possessivos

5 Explique a situação apresentada no texto.

6 Produza um texto expondo sua opinião sobre a situação de vida do personagem José.

4. QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DO EJA SOBRE A METODOLOGIA DE LETRAMENTO COM MÚSICA APLICADO NESTE TRABALHO

1- Qual método de ensino você considera mais eficiente: o tradicional ou o utilizado pelo professor Márcio Luís? Por que você pensa assim?

2-Depois de participar do projeto desenvolvido pelo professor Márcio Luís, você considera que sua capacidade de compreensão de textos :

- a) não melhorou em nada.
- b) melhorou um pouco
- c) melhorou bastante

3-Depois de participar do projeto desenvolvido pelo professor Márcio Luís, você considera que sua capacidade de produzir textos :

- a) não melhorou em nada.
- b) melhorou um pouco
- c) melhorou bastante

4- Depois de participar do projeto desenvolvido pelo professor Márcio Luís ,você considera que sua capacidade de entendimento de conteúdos de matérias como Geografia, História e Sociologia :

- a) não melhorou em nada.
- b) melhorou um pouco.
- c) melhorou bastante.

5- Se você tivesse filhos, gostaria que o professor de Língua Portuguesa de lesusasse o método tradicional ou o método usado pelo professor Márcio Luís? Por que você pensa assim?